

O Lamento dos Renegados: Crônicas de Moçambique

9 de Outubro de 2024: O Anúncio das Sombras

No dia em que o sol nasceu sobre Moçambique, um vento de mudança soprava, carregando consigo o cheiro de pólvora e promessas não cumpridas. As eleições gerais tinham sido realizadas, e o coração do povo pulsava com uma expectativa ansiosa. A eleição foi um campo de batalha onde cada voto era uma flecha, e cada urna, um escudo. Quando os resultados foram anunciados pela Comissão Nacional de Eleições, uma tempestade se formou. Daniel Chapo, o escolhido pelo regime da Frelimo, foi declarado vencedor, mas as sombras da fraude eleitoral começaram a se estender como fumaça sobre a terra.

Venâncio Mondlane o presidente eleito pelo povo, suportado pelo partido da oposição PODEMOS, levantou sua voz como um trovão, denunciando a corrupção e a manipulação. Suas palavras ecoaram pelas cidades, alimentando a chama da resistência. Mas o estado, com sua mão de ferro, não permitiria que as vozes dos dissidentes perturbassem a paz forçada que tinha imposto. A noite caiu, e com ela, a primeira gota de sangue foi derramada, prenunciando os dias sombrios que viriam.

19 de Outubro de 2024: A Noite dos Renegados

A noite de 19 de outubro foi marcada por uma escuridão mais profunda do que a ausência de luz; foi a escuridão da traição e da perda. Algumas pessoas dizem que a noite foi longa, que o dia seguinte o sol se recusava a brilhar sobre o regime de Moçambique, um ato de brutalidade inimaginável manchou a terra com sangue. Os corpos de Elvino Dias e Paulo Guambe foram encontrados, cravados com não menos que cinquenta balas no peito, uma demonstração de poder e vingança que parecia saída das páginas mais negras da história.

A cena era de um horror que rivalizava com os piores momentos de batalhas sangrentas. Os corpos, jazendo no banco do carro, pareciam sentinelas caídas, testemunhas silenciosas de um regime que governava com pólvora e sangue. Os assassinos, como sombras da noite, tinham agido com a precisão de assassinos treinados, deixando claro que qualquer oposição seria esmagada sem misericórdia.

Entre os mortos, havia uma sobrevivente, uma mulher cuja vida por um fio se segurava. Ela, que deveria ter compartilhado o destino dos outros, foi poupada por um capricho cruel do destino ou talvez, por um último ato de bondade de um coração ainda não corrompido pela escuridão do regime. No entanto, sua mente, como um pergaminho queimado, não conseguia desvendar os segredos do massacre do qual escapou. Sua memória estava envolta em névoa, e cada tentativa de lembrar era como tentar capturar o vento com as mãos.

Alguns sussurravam que seu silêncio não era apenas fruto do trauma, mas de um medo profundo, um medo que a fazia hesitar antes de falar. O que ela poderia revelar poderia ser a chave para entender as profundezas da corrupção e da violência que o regime utilizava para manter seu domínio. Mas o peso da verdade

era pesado demais para carregar quando cada palavra poderia ser o último suspiro dela.

Como nos dias de antigas batalhas, onde cada movimento era um jogo mortal de poder, o povo de Moçambique olhava com medo e raiva para o horizonte. A morte de Dias e Guambe não foi apenas uma perda de vidas, mas um aviso, um sinal de que a luta pela justiça e pela liberdade era uma guerra onde cada passo poderia ser o último.

O regime, em sua fortaleza de sombras, continuava a tramar, a controlar, a silenciar. Mas a semente da resistência, regada com o sangue dos caídos, começava a brotar. A mulher que sobreviveu, com sua memória enfraquecida, tornava-se um símbolo, não de derrota, mas de uma esperança que ainda ardia baixo, esperando o momento certo para se inflamar em uma chama de vingança e verdade.

E assim, em Moçambique, cada dia era uma nova página de uma história onde o heroísmo e a tragédia dançavam juntos, onde cada sussurro de revolta era um desafio ao regime opressor que parecia inabalável, mas que, como todos os tiranos, estava destinado a cair diante da determinação de um povo que não se esquecia de seus mártires.

As ruas de Maputo, Beira e Nampula se transformaram em campos de batalha, onde os manifestantes, armados apenas com suas convicções e cartazes, enfrentavam a brutalidade das forças de segurança. A repressão foi implacável, com balas reais substituindo as palavras como forma de silenciar a oposição. Cada morte era uma gota adicionada ao rio de sangue que já começava a correr pelas avenidas do país, um testemunho do regime opressor que governava com medo e violência.

21 de Outubro de 2024: A Ascensão dos Desesperados

A luz do dia 21 de outubro revelou um Moçambique transformado. A esperança havia sido substituída por uma determinação feroz. As manifestações cresceram, tornando-se um mar de corpos unidos em um único grito: a exigência de justiça e verdade. Os cidadãos, como renegados desafiando o destino, ergueram barricadas, cada uma uma fortaleza de resistência contra a tirania do estado.

O regime, vendo sua autoridade ameaçada, respondeu com mais violência. A capital, Maputo, tornara-se uma arena onde cada dia era uma batalha pela alma do país. A população, agora mais do que nunca, percebia que estavam sozinhos contra um poder que não hesitaria em derramar sangue para manter seu controle. A corrupção e a manipulação que haviam sido sussurradas nas sombras agora eram gritadas aos céus, mas o eco da verdade parecia perdido em um vácuo de poder e opressão.

No entanto, em cada rosto determinado, em cada grito de desafio, havia a semente de uma nova era. As crônicas deste dia não só falam de luta e morte, mas também de um despertar, de um povo que, apesar de tudo, continuava a

sonhar com um Moçambique livre das garras do opressor. A história estava sendo escrita com sangue, mas também com esperança, a esperança de que um dia a verdade prevaleceria sobre a tirania.

Estas são as crônicas de um país em chamas, onde cada dia é uma luta pela liberdade e onde a opressão do estado é o dragão que todos devem enfrentar.

22 de outubro de 2024: A opinião dos arautos da justiça

Na terra onde o sol se ergue sobre um mar de desespero e ilusões, o dia 22 de outubro de 2024 marcou uma nova página na saga de Moçambique. Em uma arena onde a verdade deveria reinar, a Missão de Observação Eleitoral da União Europeia, como arautos de uma justiça esquecida, declarou ao mundo a fraude que se escondia nas sombras do poder.

"Na contagem dos votos, observamos irregularidades que ferem o coração da democracia," proclamaram eles, "alterações injustificadas dos resultados eleitorais, como espadas traiçoeiras que cortam a vontade do povo." Desde o início de suas vigílias, em 1 de setembro, 179 olhos vigilantes foram enviados para testemunhar a eleição, mas mesmo esses guardiões da integridade encontraram portas fechadas, impedidos de ver o processo de apuramento em muitos cantos do regime.

"apelamos aos órgãos eleitorais para que o processo de apuramento seja conduzido com a transparência, assegurando a verificação dos resultados das mesas de voto" insistiu a Laura Ballarín chefe da Missão de Observação Eleitoral da União Europeia, a chefe desta missão, com a gravidade de quem anuncia o destino, declarou, "A revelação dos resultados por mesa de voto é mais do que uma prática; é a salvaguarda da alma de nossa democracia."

Mas a terra de Moçambique não estava em paz. A segunda-feira anterior havia sido um campo de batalha, onde o povo, em uma marcha pacífica, foi recebido com a brutalidade do gás lacrimogêneo e balas, como se fossem dragões cuspidos fogo para silenciar a voz dos renegados. Eles marchavam contra o assassinato de Elvino Dias, o advogado do Venâncio Mondlane o presidente eleito pelo povo, e Paulo Guambe, mandatário do partido "PODEMOS" que suporta o Mondlane, e contra a corrupção que manchava os resultados eleitorais.

A Missão de Observação Eleitoral da União Europeia, em sua sabedoria, condenou tais atos de violência, apelando a todos para que a contenção fosse a arma escolhida, não a pólvora. "A responsabilidade de trazer luz às trevas das irregularidades é dos eleitores e do Conselho Constitucional," afirmaram, "para que a verdade prevaleça e a vontade do povo seja respeitada."

E assim, a missão prometeu continuar sua jornada em Moçambique, observando cada passo do processo eleitoral como um escriba registra a história, com a intenção de publicar um relatório final que não só contasse a história de uma eleição, mas também sugerisse caminhos para que o futuro pudesse ser escrito com menos sangue e mais justiça.

A capital, outrora as pessoas viam como um oásis de paz, porque aquela paz era arquitetada por regime da FRELIMO, todo mundo era inocente, mas os tempos mudaram, a capital transformou-se em um campo de batalha, onde a polícia, como guardiões de um regime em crise, lançou gás lacrimogêneo e balas contra os manifestantes, que, como guerreiros sem armas, responderam com pedras e fogo. O sangue dos feridos manchou as ruas, um testemunho da ira do povo, que se levantou não apenas pela perda de Elvino Dias e Paulo Guambe, mas também contra a corrupção que corrompia a vontade dos eleitores.

Os ecos da violência ressoaram pelas cidades de Moçambique, uma tempestade que não se contentava em ficar confinada a um único lugar. Maputo, em sua tentativa de retornar à calma, ainda carregava o cheiro de fumaça e a memória dos confrontos.

A União Europeia já cansado e impotente diante de barbaridade do regime, ficou observando de longe como um dragão vigilante, lançou suas palavras como chamas contra a escuridão. "Notícias de dispersão violenta são bastante preocupantes," declararam, condenando o duplo homicídio como um ato de barbarie que não deveria manchar um país. Portugal, em uníssono, ergueu sua voz contra a injustiça, enquanto a polícia confirmava a emboscada que ceifou a vida dos leais de Mondlane.

O Mondlane, com o coração pesado pela perda, mas determinado como um rei em exílio, convocou seu povo para um ato final de respeito e revolta, o funeral de Elvino Dias. Prometeu continuar a luta em três fases até que a verdade fosse revelada como o sol após uma longa noite.

Em Moçambique, onde cada dia é uma batalha pela alma do país, a luta continua, e a esperança desaparece lentamente como o por do sol no verão, no fundo a única esperança do povo era em Deus, alguns diziam que o Venâncio Mondlane era o enviado, como um dragão adormecido, espera o momento certo para despertar.

Mesmo assim, o futuro é incerto, cada dia é uma batalha, cada noite, uma conspiração, e o destino do país, um jogo onde cada peça movida pode significar a ascensão de um herói ou a queda de um tirano.

23 de outubro de 2024: A Saga de Sangue e Fogo

No dia 23 de outubro do ano 2024, a contecera uma tragédia nas terras de Moçambique, que faria até os mais duros corações de pedra de Moçambique tremerem. O sol, que deveria aquecer com promessas de um novo dia, iluminou apenas a escuridão de uma luta pelo poder que parecia saída das crônicas mais sangrentas de qualquer regime.

O Silêncio Quebrado do tirano no Poder

Filipe Nyusi, o Presidente da República, com a gravidade de um rei que vê seu reino cair em desgraça, finalmente quebrou seu silêncio sobre os assassinos que ceifaram a vida de Elvino Dias e Paulo Guambe. Dias, o advogado e Guambe, o

leal mandatário, foram mortos, suas vidas apagadas como velas em uma tempestade. Nyusi, com a autoridade de quem comanda um dragão, prometeu justiça, houve sussurros entre as comunidades que o silêncio quebrado do Nyusi não era genuíno.

A Revolta das Ruas

Moçambique, um caldeirão de paixões e fúrias, explodiu em protestos que arderam como dragões na noite. Nas ruas de Nampula, Maputo, e além, o povo, como uma horda de selvagens desafiando o sol escaldante, levantou-se contra os resultados eleitorais que proclamavam a vitória da FRELIMO e seu candidato. A Polícia da República de Moçambique (PRM), armada como os guardas da Noite, massacrou os manifestantes. Mais de vinte almas foram para o Além, enquanto a destruição, como o fogo de dragão, consumiu o que estava à sua frente.

O Último Adeus a Um Herói

O funeral de Elvino Dias foi uma cena de lamento e fúria, onde cada lágrima derramada era um juramento de vingança. Lutero Simango, com a autoridade de um líder da oposição, Movimento Democrático de Moçambique (MDM), proferiu palavras que ecoaram como uma declaração de guerra: "Ninguém tem o direito de silenciar os moçambicanos!" Mia Couto, o escritor, exigiu que as fraudes eleitorais fossem expostas à luz do dia.

Entre todos que quebraram o silêncio, estava Clemente Carlos, na qual eu pessoalmente o admiro, deste o dia que liderou a batalha em protesto ao aumento injustificada dos pacotes de internet e chamadas telefónica, essa é outra guerra que aconteceu no mesmo ano, antes das eleições que causara esse tumulto e massacres.

"Jornalista que sou, aos meus 36 anos de idade, nunca temi mais a morte que agora 2024/25, agradei demasiado a Deus por ter transitado ao novo ano em boa saúde, mas o trauma ainda jaze em minha cabeça como a dívida de renda quando o salário não cai...

Quando era mais jovem, pensava na morte como algo que não me pudesse assustar e a possibilidade de ser mártir dava-me ainda mais ânimo, mas agora sou pai

Eu mesmo cresci sem pai e lembro-me do quão difícil foi chegar aonde cheguei, sob cuidados da minha mãe solteira e irmãos mais velhos, talvez seja por isso que muitos se tornaram autênticos lambe-botas da FRELIMO

Crescer sem pai e na pobreza é um processo demasiado difícil e às vezes até desumano. Não desejo isso aos meus filhos e nem a filhos de nenhum moçambicano ou estrangeiro a residir no nosso país, isso não significa, que iremos parar esta luta, a luta continua...

Mas é preciso perceber que a nossa luta não é por nós, é justamente pelos nossos filhos a quem tememos morrer e deixar para trás! Será que os

presidentes deste país já pararam para pensar no dano que criam a mandar silenciar um Moçambicano?

Vocês calam um homem, um jornalista, um juiz, um ativista, um político um advogado, com um simples acto de puxar o gatilho, mas na verdade quem morre é um pai, um filho, um irmão, um amigo, um primo, um professor que na essência era a razão de viver de alguém

Eu fui a Michafutene, no último adeus de Elvino Dias, ví uma mãe inconsolável a chamar o filho que descia a sepultura:

"Elvino, Elvino, Elvino..."

Elvino negou de responder e na escuridão da sua urna, desceu 1,70 metros abaixo, até que a terra desse forma a sua residência adornada de flores e regada de lágrimas de indignação.

Ainda em Michafutene, vi uma viúva, mulher de poucas palavras, no resto a maquiagem era de dor, de consternação e um sentimento de impotência, nos olhos o peso e a falta de resposta para duas crianças que choravam a morte do pai

Pedi um abraço as crianças, mas não sabia o que dizer, apenas dei um abraço apertado e com elas chorei, chorei a morte de um amigo, chorei por ser eu também um combate em busca da verdade eleitoral, da justiça e ativista contra corrupção e má governação

Este é o resultado do trabalho de um grupo tão temido e desconhecido, mas cujas ações colocam o nosso país nas estatísticas dos mais perigos para o exercício da verdade nas suas variadas vertentes, jornalismo, advocacia, magistratura, Política, música de intervenção social ou ativismo.

Veja como alguns dirigentes deste país, que não irei aqui mencionar os nomes por razões óbvias, veja como eles ou os filhos estão... É o sangue de Abel a clamar por justiça, Abel, personificado em Carlos Cardoso, Gilles Sistac, Matavel, Siba-siba, Elvino Dias e Paulo Guambe.

Filhos dos "donos" do país que pelo excesso de ganância, pagam o preço mais alto... ganância sua e também dos pais, faça uma breve retrospectiva.

Ainda há, quem está por pagar a conta, quem tiver a sorte de viver verá os resultados da maldição que atraíram para si esses dirigentes!

O governo de Moçambique diz que não é responsável pelas mortes de ativistas anti-corrupção, mas o mesmo governo tem se mostrado indiferente a essas mortes, não fala sobre isso, não emite mensagens de solidariedade e nem presta assistência as famílias dos finados (filhos menores) Não mandam investigar, e quando investigam nunca há resultados...

O mesmo governo que diz que não é responsável pelas mortes é o mesmo que tem tratado com indiferença aos manifestantes que estão a ser assassinados todos os dias pela polícia (UIR). AINDA assim, as pessoas dizem:

"O governo vai te matar..."

--- Como se o governo não mata?

Já agora, quem manda matar?

AFINAL a polícia está aqui para nos proteger ou nos exterminar?

QUANDO SOMOS AMEACADOS DE MORTE, RECEBEMOS CHAMADAS DOS NOSSOS AMIGOS E FAMILIARES NA POLÍCIA E NO "SERNIC" E DIZEM: " TOMEM CUIDADO, ESTOU A OUVIR COISAS AQUI NO SERVIÇO"

AFINAL A POLÍCIA EM MOÇAMBIQUE PROTEGE OU MATA ATIVISTAS?

É um governo cheio de sangue nas mãos, gente que governa pelo poder e temor da pólvora, implandando um clima de medo e subserviência com recurso ao terrorismo

"Quem fere com espada, com espada será ferido" uma vez fui abordado por um suposto operativo que a todo custo insistia em me ameaçar, revoltado e com a paciência já esgotada, levantei da mesa daquele restaurante, bati com a mão na mesa e gritei:

"Enquanto o vosso trabalho é nos matar, nós lutamos para os teus filhos sentarem numa escola com carteira e para que a sua mãe no mato tenha, hospital, estrada e uma vida na terceira idade com dignidade", peguei na minha pasta no meu capacete e fui embora"

Tudo isso foi dito por Clemente Carlos, o jornalista no ofício da verdade.

A Chamada às Armas

Venâncio Mondlane, o candidato cuja bandeira era a justiça, convocou seu povo para mais um dia de batalha, uma greve que pararia o coração do regime. Com a determinação de um conquistador, ele prometeu não descansar até que a verdade dos votos fosse revelada e homenageou os caídos com promessas de mais lutas, mais manifestações, mas ele tentou evitar mais sangue desnecessário.

A Ameaça do Colapso

Edson Cortez, como um conselheiro sábio diante do caos, advertiu sobre o precipício no qual Moçambique se encontrava. Com palavras que soavam como um aviso dos antigos, ele chamou as igrejas e a sociedade civil a se erguerem não como guerreiros, mas como mediadores, tecendo um tapete de paz sobre um chão manchado de sangue.

E assim, em Moçambique, cada dia é um capítulo de uma saga onde a vitória não é apenas por poder, mas pela alma do país. Onde cada cartaz é uma espada, cada palavra, uma flecha, e cada morte, um sacrifício por justiça.

24 de outubro de 2024: O Punho de Ferro da ordem superior

No dia 24 de outubro do ano 2024, a esperança se entrelaça com a opressão, a sociedade testemunhou mais um capítulo de violência que marcaria sua história como um ferimento profundo. A Comissão Nacional de Eleições (CNE), agindo como um arauto do regime, declarou Daniel Chapo, o escolhido pela FRELIMO, como o vencedor das eleições gerais de 9 de outubro, com um suposto 70,67% dos votos. Mas esta declaração era como o rugido de um dragão sobre um povo já inflamado pela injustiça.

Venâncio Mondlane, do partido PODEMOS, com a coragem de um rebelde desafiando o destino, denunciou a fraude eleitoral e reivindicou a vitória, um ato de desafio que incendiou as ruas de Maputo, Matola, Boane, Chimoio, Nampula e Nacala-Porto. Os cidadãos, como um exército sem armas, marcharam em protesto, mas foram recebidos pela brutalidade de um regime que não toleraria discordância.

A polícia, como os cães selvagens de um governante tirânico, sob ordens de uma sociedade chamada "ordem superior", atacou os manifestantes com uma fúria desenfreada. Gás lacrimogéneo, como o veneno de uma serpente, e balas reais, disparadas com a intenção de silenciar, transformaram as ruas em campos de batalha. Alguns sussurros ecoam na sociedade moçambicana que a ordem pertence ao regime da FRELIMO.

O Hospital Central de Maputo, agora um refúgio para os caídos, recebeu 24 vítimas da repressão policial, com 14 já tendo recebido alta, mas 10 ainda lutando pela vida, incluindo uma mulher de 41 anos cuja cabeça sofreu um trauma que parecia quase letal.

O Centro de Integridade Pública (CIP), agindo como uma voz da verdade em meio ao caos, estimou que a polícia, seguindo o comando do regime, havia ceifado a vida de cerca de dez pessoas no mesmo dia, sem motivos aparente, havia ferido dezenas e prendido aproximadamente 500, numa tentativa de esmagar qualquer oposição com o peso de sua autoridade.

Com o país mergulhado em um clima de terror e instabilidade, líderes religiosos e organizações internacionais, como mensageiros de paz, clamaram por uma resolução pacífica, exigindo uma investigação das alegações de fraude e a responsabilização dos atos violentos cometidos pela polícia a mando do regime da FRELIMO.

Assim, Moçambique vivia sua própria saga de poder e repressão, onde cada cartaz era uma espada levantada contra a tirania, cada protesto, uma batalha pela liberdade, e cada gota de sangue derramado, um testemunho do preço da resistência contra um regime que governava com o punho de ferro da FRELIMO.